

UM PROJETO ALTERNATIVO PARA A COLONIZAÇÃO PORTUGUESA: A REFORMA AGRÁRIA NO BRASIL-COLÔNIA

Maria Lúcia de Souza Rangel Ricci
UNESP — Franca

Assaz oportuna a edição de **Reforma Agrária no Brasil-Colônia**, de Leopoldo Jobim, mais uma significativa contribuição ao estudo do pensamento político no Brasil, analisando, para tanto, algumas manifestações do reformismo iluminista na Colônia, no período de 1770 a 1817, através de quatro projetos escritos por pessoas de camadas sociais diferentes e vivendo em locais distintos: um padre — João Daniel (Amazônia); um advogado — José Arouche de Toledo Rendon (São Paulo); um servidor público — Luís dos Santos Vilhena (Bahia) e um estancieiro — José Antônio Gonçalves Chaves (Rio Grande do Sul).

Procura demonstrar a problemática do agravamento da tensão social, decorrente das transformações econômico-políticas inerentes ao processo das relações capitalistas, e a maneira pela qual tais homens, que poderiam ser chamados de brasileiros, pensavam a sua realidade.

Com bom respaldo teórico-metodológico analisou as contradições existentes entre esses pensadores que, ora assumiam a proposta do mercantilismo-colonialista (caso, por exemplo, de Santos Vilhena), ora, a do liberalismo (caso de Gonçalves Chaves), deixando claro, todavia, que, em todos, havia o reconhecimento de que a Independência do Brasil teria feito desaparecer a oportunidade de pôr em prática uma proposta revolucionária.

Reforçando a teoria do Prof. Galloway, o autor (p. 29) distingue no reformismo agrário, dois momentos: o das reformas, que afetaram a propriedade da terra (de caráter social), e aquela que pretende melhorar a produtividade da terra através de novas técnicas e produtos.

E ainda nesta mesma ótica de Galloway, é que Jobim analisa os quatro projetos mencionados: o de Vilhena, defendendo o colonialismo e o mercantilismo, propondo uma arrojada reforma agrária; o de Gonçalves Chaves, adepto do liberalismo, pregando uma reforma da propriedade fundiária, embora acreditando ser viável a existência de um Reino Unido entre Portugal e Brasil; Rendon, crendo que caberia à Coroa conduzir o processo de redistribuição da terra, enquanto que o do Padre João Daniel, ferrenho inimigo de Pombal, continha, tanto quanto este, uma grande esperança no potencial da Amazônia, propondo mesmo um projeto de transformar a região em colônia de povoamento.

Convém frisarmos que estavam esses homens preocupados não apenas em resolver o problema da terra, mas também com os problemas técnicos de produtividade, o que bem nos demonstra o fato de além de terem elaborado seus projetos de reforma agrária, legarem-nos, de igual modo, memórias sobre técnicas de plantio ou inventos mecânicos para a agricultura, notando-se que a abordagem feita por todos eles, no que tange a um dos graves problemas enfrentados, estava relacionado ao da mentalidade dos plantadores brasileiros, contrária a qualquer mudança.

Em suma, temos neste estudo uma oportunidade para analisarmos as denúncias, os erros e os abusos do colonialismo, ao lado de como aquela geração sentia a possibilidade de “mudança” num ritmo “evolutivo”.

*